



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST

LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

VANESSA SEVERO VITURINO ALVES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DO 1º AO 5º ANO**

SERRA TALHADA – PE

2019

VANESSA SEVERO VITURINO ALVES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DO 1º AO 5º ANO**

**Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em Letras da Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Unidade
Acadêmica de Serra Talhada, como requisito
obrigatório para obtenção do título de
Licenciatura Plena em Letras.**

**Professora orientadora: Renata Livia de
Araújo Santos**

SERRA TALHADA – PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca da UAST, Serra Talhada - PE, Brasil.

A474v Alves, Vanessa Severo Viturino

Varição linguística em sala de aula: prática pedagógica dos professores do ensino fundamental do 1º ao 5ºano / Vanessa Severo Viturino Alves. – Serra Talhada, 2019.

41 f.: il.

Orientadora: Renata Livia de Araújo Santos

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Unidade Acadêmica de Serra Talhada, 2019.

Inclui referências e apêndices.

1. Prática pedagógica. 2. Preconceito linguístico. 3. Variação linguística. I. Santos, Renata Livia de Araújo, orient. II. Título.

CDD 400



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE

UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA – UAST

LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

VANESSA SEVERO VITURINO ALVES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS
PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 1º AO 5º ANO**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Renata Lívia de Araújo Santos - UFRPE/UAST
1^ª Examinadora /Orientadora

Prof^ª. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito- UFRPE/UAST
2^ª Examinadora

Prof^ª. Dra Maria de Fátima Silva dos Santos - UFRPE/UAST
3^ª Examinadora

Serra Talhada, 24 de janeiro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre estar no comando da minha vida. A toda minha família, em especial meu esposo Erivam e meu filho David, por perdoarem a minha ausência nos momentos em que poderia estar com eles. A minha mãe, amiga incomparável. A minha irmã Valesca por estar sempre disponível a me ajudar em tudo que pode. Também não poderia esquecer-me da minha orientadora Renata Lívia, sempre disposta a me ajudar com toda dedicação e carinho.

Tudo posso naquele que me fortalece.

(Filipenses, cap.4, v.13)

RESUMO

Sabe-se que a variação linguística retrata o modo de falar de cada indivíduo ou grupo social, todavia, apesar dessa diversidade linguística refletir a cultura de um povo, muitas vezes é desprestigiada por diferenciar-se da norma padrão, a qual é mais aceita, uma vez que, possui elevado prestígio social. O presente trabalho tem como título “Variação linguística em sala de aula: prática pedagógica dos professores do ensino fundamental do 1º ao 5º ano”, assim a pesquisa buscou responder a seguinte indagação: como está sendo trabalhada a variação linguística em sala de aula? Tendo como objetivo de analisar o modo como a variação linguística é trabalhada em aulas de Língua Portuguesa. Nessa perspectiva desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas e observações necessárias para coleta de dados. Orientando-se a partir de conceitos teóricos de autores, entre os mais citados estão: Bortoni-Ricardo e Marcos Bagno, além de contribuições do PCN da Língua Portuguesa. Diante dos resultados obtidos, conclui-se que a maior parte do corpo docente entrevistado, apesar de reconhecer a importância da diversidade linguística, faz julgamento de valor, a saber, que focalizam em suas respostas o certo e o errado, deixando claro que a escrita do aluno é influenciada por sua fala, por isso não poderiam desviar-se da norma padrão.

Palavras-chave: Prática pedagógica, Preconceito linguístico, Variação linguística.

ABSTRACT

It is known that the linguistic variation shows the way to talk of each individual or social group, however, despite this linguistic diversity reflects the culture of a people, many times is discredited because it differs from the standard norm, which is more widely accepted, since, it has a high social prestige. This work is entitled “Linguistic variation in the class: pedagogical practice of elementary school teachers from 1st to 5th grade”, therefore the research searched to ask the following question: How is being worked the linguistic variation in the classroom? So we have the aim to analyse the way how the linguistic variation is worked in the Portuguese language classes. In this perspective we developed a qualitative search, by interview and necessary observations for the data collection. We followed by theoretical concepts of authors, among the most cited are: Bortoni-Ricardo e Marcos Bagno, and some contributions from PCN of portuguese language. In front of the obtained results, we concluded that the majority of the interviewed teachers, despite recognizing the importance of the linguistic diversity, they make judgements, namely, that they focus in your answers the right and the wrong, and making it clear that the student writing is influenced by speaking, therefore it does not divert from the standard norm.

Keywords: Pedagogical practice, Linguistic prejudice, Linguistic variation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A importância do uso da variação linguística em sala de aula, segundo as professoras.....	30
Quadro 2 – A escrita dos alunos em sala de aula de acordo com as professoras.....	32
Quadro 3 – A visão das professoras a respeito da fala dos alunos,.....	33
Quadro 4 – O ponto de vista das professoras sobre a intervenção.....	34
Quadro 5 – Opinião das professoras sobre as diferentes maneiras de se expressar.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	12
1.1 O QUE É LÍNGUA?.....	12
1.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	14
1.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO.....	19
1.4 PRÁTICA PEDAGÓGICA: O CONTEXTO ESCOLAR EM MEIO AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	21
1.5 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL.....	23
1.6 MONITORAÇÃO LINGUÍSTICA: PRÁTICA PRESENTE EM TODAS AS COMUNIDADES DE FALA	24
2 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	28
3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DO 1º AO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL DE MANAÍRA PB	30
3.1 OS QUESTIONÁRIOS.....	30
3.2 OBSERVAÇÕES DAS AULAS.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE-QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA APLICADA AOS PROFESSORES	

INTRODUÇÃO

O ato de falar emana da necessidade do homem em expressar em palavras suas experiências individuais e sociais. Partindo desse pressuposto variação linguística faz-se presente no falar de todas as comunidades de fala e essa simples ação comunicativa que oriunda do meio cultural em que vivem, muitas das vezes é vítima de preconceitos provocados consciente ou inconscientemente pela distinção de sotaques, nível social, entre outros.

Esta pesquisa tem a finalidade de verificar como as professoras abordam a variação linguística em sala de aula, abrangendo situações vivenciadas por alunos e professores do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano de uma Escola da rede Municipal de Manaíra PB, pois nesse período a língua apresenta-se de maneira bem diversificada, à medida que a criança faz suas descobertas a partir da interação e comunicação, a saber, que é a partir da oralidade que o ser humano comunica-se entre si, promovendo uma discussão significativa ao qual o contexto em que vive é primordial para que haja compreensão entre o falar e o ouvir.

A presente pesquisa tem como tema: Variação linguística em sala de aula: prática pedagógica dos professores do ensino fundamental do 1º ao 5º ano, enfatizando a realidade pedagógica vivenciada por educadores e educandos, bem como, as dificuldades que muitos desses profissionais e alunos deparam-se em utilizar e aceitar essa variação, já que para tal compreensão e respeito faz-se necessário que o professor e o aluno sejam conscientes que essa diversidade linguística e cultural faz-se presente na fala de cada pessoa, porque independentemente de saber as normas padrão e culta, a variação linguística está presente no cotidiano escolar, bem como a norma culta e padrão, ambas semelhantes, todavia a norma padrão se caracteriza pelas regras da gramática normativa, portanto não apresenta a linguagem real utilizada pela maioria dos brasileiros, já a norma culta são regras utilizadas pelo uso formal da língua, que por sua vez apresenta-se como uma variedade mais prestigiada.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o modo como a variação linguística é trabalhada em aulas de Língua Portuguesa, a saber, que a forma de expressar-se está ligada a influências sociais e estruturais. Por isso o problema que gerou este estudo foi a seguinte indagação: Como está sendo trabalhada a variação linguística em sala de aula, sabendo que a fala e a escrita devem adequar-se à situação sócio-comunicativa e ao interlocutor?

A população pesquisada corresponde a 5 (cinco) professoras da Educação Fundamental a partir da elaboração de questionários e observações correspondentes a suas

práticas pedagógicas. A realização da pesquisa partiu da hipótese de que o preconceito linguístico existe em sala de aula e é, de modo geral, intensificada devido à forma inadequada e despreparada dos professores quanto ao tratamento da variação linguística em sala de aula. O método abordado encontra-se especificado no capítulo destinado a essa função.

O que motivou a escolha do tema em questão foi o fato da dificuldade encontrada pela pesquisadora, que ao chegar do estado de São Paulo na cidade de Manaíra - PB exatamente aos 10 anos de idade, não compreendia o modo de falar de sua avó que, em busca de conseguir uma faca para cortar as tiras que envolviam as bagagens, voltou-se para ela e disse: “Pega a peixeira incima do pano encarnado”. Mas, como entender o que era peixeira e encarnado se essas palavras não faziam parte do seu repertório linguístico e do seu contexto cultural? Além disso, o ensino da língua portuguesa está mais direcionado à gramática normativa, isto é, para o conjunto de regras prescritivas direcionadas ao uso da linguagem padrão, dando pouca importância ao ensino funcional, ou seja, à função interacional da língua.

O presente trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo encontram-se algumas considerações sobre variação linguística, fundamentadas nas teorias de renomados autores, entre eles estão: Marcos Bagno e Bortoni-Ricardo, ambos citados com maior frequência no decorrer da pesquisa. No segundo capítulo destacam-se os procedimentos metodológicos, especificando as fontes utilizadas e toda trajetória da pesquisa. O terceiro capítulo é dedicado à apresentação da análise da coleta de dados, ou seja, dos resultados obtidos mediante aos questionários dirigidos aos professores e observações destinadas a sua prática pedagógica. Em seguida apresenta-se a conclusão da pesquisa, retomando os objetivos, a hipótese e as referências.

1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

1.1 O QUE É LÍNGUA?

A língua é um instrumento de comunicação, uma estrutura em que os elementos linguísticos se organizam e que através dessa organização pode se comunicar através da linguagem verbal. Esse instrumento de comunicação é um privilégio dos seres humanos, pois só o homem tem essa capacidade, assim sendo a língua é um dos meios que os diferencia dos animais irracionais. Portanto toda humanidade possui uma língua que possibilita uma interação social, porém, cada indivíduo utiliza-a da sua maneira, objetivando um enunciado compreensível. Sendo assim, ela faz parte do cotidiano humano, a saber, que seu desenvolvimento deu-se a partir desse ser racional e sua utilização faz com que nunca se acabe. Bagno (2007a) diz que enquanto o ser humano existir a língua permanecerá, porque não há língua sem pessoas para praticá-la. O autor faz uma comparação metafórica, onde afirma que: “[...] A língua é um rio caudaloso longo e largo que nunca se detém em seu curso, [...] a água do rio/língua, por estar em movimento se renova incessantemente [...]” (BAGNO, 2007a, p.10).

Mediante o exposto, a língua possui uma imensa amplitude, pois seus falantes a colocam em constante mutação, adequando-a ao mundo contemporâneo. Para tanto, existem vários tipos de línguas, bem como: portuguesa, inglesa, japonesa entre outras. Elas organizam-se através de regras, retratando os códigos e sua importância na comunicação; a “[...] língua é um sistema abstrato partilhado por uma comunidade de falante que ganha realidade concreta na fala” (BORTONI – RICARDO, 2009 p. 71).

Logo, a língua tem como uma de suas funções a de transmitir informações ao receptor, todavia, a mesma pode ocorrer independentemente do destinatário compreender ou não a mensagem, quer dizer que, em uma conversa entre um falante da língua inglesa e outro da portuguesa, só irão compreender um ao outro se ambos dominarem seus códigos ou houver um tradutor intermediador, do contrário a língua se manifestará sem nenhuma compreensão do falar, isto é, só terá sentido se houver uma finalidade. Ou seja, o indivíduo utiliza a fala com um objetivo específico, em especial a comunicação, na certeza de que o ser humano que dispõe de suas faculdades mentais normalizadas não fala aleatoriamente, visto que, se expressa com uma finalidade, ou seja, com a função de que o interlocutor compreenda a mensagem. Portanto a língua não é um amontoado de palavras que formam frases ou textos, no entanto seu significado se dará a partir da decodificação desses códigos.

Nessa concepção, o falante tem em sua mente uma mensagem para transmitir a um ouvinte, ou seja, informações que quer que cheguem ao outro. Para isso, ele coloca-a em código e remete-a para outro através de um canal. O outro recebe os sinais codificados e transforma-os em mensagens. E a decodificação (MATTA, 2009 p. 15).

A linguagem é o primeiro contato verbal que o indivíduo adquire através do convívio familiar, a qual se desenvolve também de forma espontânea, ou seja, sem a necessidade de impor regras, dessa maneira o falante domina sua língua. “Todo falante dispõe de suficiente *competência linguística* em sua língua materna para produzir sentenças bem formadas e comunicar-se com eficiência” (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 75, grifo do autor).

Segundo Bagno (2007a), língua materna não é aquela que expressa um idioma correto dentro das normas gramaticais e sim é aquela que aprendemos e conseguimos nos fazer entender nas mais diversas situações. Com efeito entende-se que uma língua materna não tem mais importância que outra, elas podem ser diferentes, mas ambas adequam-se às necessidades de seu grupo. O autor faz uma crítica sobre um mito existente no Brasil, onde algumas pessoas acreditam que o português corretamente falado oriunda de Portugal, minimizando o português do Brasil. “O brasileiro sabe *seu* português, o português do *Brasil* que é a língua materna de todos os que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português *deles*” (BAGNO, 2007 a, p. 32, grifo do autor).

Assim o jeito que cada indivíduo fala está estabelecido, de certa forma, na língua que ele ouviu e aprendeu em sua infância, além de outros fatores, como por exemplo: idade, profissão etc., por isso é de grande importância que as escolas valorizem essa maneira de falar na certeza de que não há jeito certo ou errado na oralidade e sim diferenças. Matta (2009) propõe que os trabalhos nas escolas considerem a língua materna como um instrumento de libertação do interior de cada indivíduo e da sociedade ao qual pertence.

Todo indivíduo ao nascer já dispõe de sua linguagem materna como um dispositivo inato, e vai a cada dia com o convívio da família e de pessoas mais próximas desenvolvendo-a. Entretanto a partir do momento que este começa a frequentar a escola e outros ambientes sociais, sua língua se transforma em favor das alternâncias e das mudanças linguísticas, pois ao entrar em contato com o ambiente escolar, o aluno tem acesso a uma gama de recursos comunicativos.

Segundo Bortoni-Ricardo (2009), quando o discente entra em contato com o meio educativo escolar desempenha a interação através da língua escrita e oral monitorada. “A escola é por excelência, de forma sistemática o *locus* — o espaço — em que os educandos vão adquirir, de forma sistemática, recursos comunicativos que lhes permitam desempenhar —

e competentemente em práticas sociais especializadas” (BORTONI-RICARDO, 2009, p.75, grifo do autor).

Logo cada indivíduo ao iniciar a sua trajetória escolar já traz consigo sua própria maneira de se comunicar, a qual é desenvolvida no seu convívio familiar de acordo com a cultura de sua região. A escola tem a função de usar esses saberes de forma positiva, valorizando seus conhecimentos prévios. Dessa maneira cabe ao professor aprimorá-los mostrando aos alunos a importância da norma padrão, sem desprestigiar sua língua materna, preparando-o para conhecer coisas novas, deixando claro que o que sabem não é errado, precisam apenas adequar à situação de uso.

1.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Entende-se por variação linguística os diferentes modos de falar, ou até mesmo a capacidade que o ser humano tem de adequar a sua fala dependendo da situação de uso. Dessa maneira pode-se dizer que a língua é heterogênea, uma vez que, ocorre em todos os grupos sociais de forma diversificada. Portanto é lícito afirmar que a variação linguística é o modo de falar de cada pessoa ou grupo social, dependendo da região geográfica ou nacionalidade, entre outras questões.

A variação linguística está presente em toda comunidade de fala, a saber, que cada indivíduo possui um jeito de falar e comunicar-se entre si. Porém, essa maneira de expressar-se muitas vezes é confundida, exposta como uma obrigatoriedade padrão. Assim, o professor deve reconhecer que na língua não existem erros, e sim maneiras diferentes de falar, “[...] uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educando está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola” (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 38).

A língua por si só é bem diversificada, soma-se a isso os fatores sociais que ajudam a impulsionar essa variedade linguística. Essa amplitude linguística torna-se bem visível nas escolas onde há o encontro de várias realidades diferentes, bem como misturas de classes sociais, englobando alunos de zona rural e urbana, sendo que todos, independentemente da região ou classe, possuem uma forma particular de falar.

Entretanto, segundo Bagno (2007a), apesar dessa riquíssima linguagem, o Brasil é visto como um país de unidade linguística, isso implica dizer que todos os indivíduos pertencentes a esse lugar falam da mesma maneira. O autor enfatiza que não é bom para a educação impor uma regra padrão na fala de seus discentes.

[...] ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum

a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização, etc. (BAGNO, 2007 a, p.15).

A linguagem padrão é a protagonista na escola, pois é nesse ambiente que os alunos se deparam com a norma padrão, sendo obrigados a aprendê-la. Muitos professores fazem associação indevida entre a fala e a escrita de seus discentes nomeando essa variação por “erros de português”, contradizendo o respeito e desvalorizando a cultura dos mesmos.

Até hoje, os professores não sabem muito bem como agir diante dos chamados “erros de português” [...] Erros de português são simplesmente diferenças entre variedade da língua. Com frequência, essas diferenças se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, onde predomina uma cultura de oralidade, em relações permeadas pelo afeto e informalidade, como é cultivada na escola. (BORTONI-RICARDO, 2009 p. 37)

A língua não é apenas um meio de comunicação interativa é também uma forma do ser humano manifestar sua cultura, pois através desta é possível identificar a nacionalidade do indivíduo, na certeza de que a forma como falam justifica sua localização geográfica. Mas muitas escolas têm o hábito de relacionar a fala à escrita, argumentando que a escrita necessariamente assemelha-se à fala, por isso quem fala “errado” provavelmente escreve errado.

[...] a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico (PCNs, 1997, p. 26 *apud* BAGNO, 2007b, p.27).

O cenário de ensino da Língua Portuguesa ainda é reflexo do ensino tradicional do passado, pois não há grande preocupação com uso funcional da língua e sim com a gramática propriamente dita, na expectativa de que os alunos aprendam a língua padrão como se essas regras se adequassem a todas as situações de fala. É muito comum vermos em sala de aula professores corrigindo o modo de falar de seus alunos, sem levar em consideração os aspectos linguísticos que deram forma a língua e sim uma preocupação constante com a norma padrão, ou seja, uma língua separada do cotidiano linguístico aos quais seus alunos estão inseridos.

Essa concepção tradicional opera com uma sucessão de reduções: primeiro, reduz a “língua” a “norma (culta)”; em seguida reduz essa “norma culta” a “gramática” – mais precisamente, a gramática da frase isolada que despreza o texto em sua totalidade, as articulações-relações de cada frase com as demais, e o contexto extralingüístico em que o texto (falado ou escrito) ocorre – , gramática entendida como uma série de regras de funcionamento mecânico, que devem ser seguidas a risca para dá um resultado perfeito e admissível. Essa concepção abstrata e

reducionista de língua>norma>gramática é tão antiga que se tornou parte integrante das crenças e superstições que circulam na sociedade (BAGNO, 2003, p. 20-21).

A ideia de língua correta dá a entender que existe apenas esse caminho para seu uso, restringindo-a apenas a sua forma sintética e mecânica, isto é, ligada apenas à forma como os professores impõem regras aos seus alunos sem dar espaço para a linguagem coloquial e situacional de cada indivíduo, a partir desse ensinamento é possível verificar que seus alunos acreditem que a língua é limitada e restrita apenas a uma situação de uso, ou seja, o uso mais formal da língua.

Nessa perspectiva é comum ver professores mais preocupados com a norma padrão e, sendo assim a língua materna perde espaço nas salas de aula, uma vez que, a variação linguística, apesar de disseminada entre os diversos estudantes, acaba sendo desprestigiada, pois a norma padrão ganha maior espaço no âmbito educacional. Essa imposição do professor se dá devido à internalização de um ensino arcaico e tradicional, que vem sendo passado por gerações de professores que entendem que a forma de falar do indivíduo modifica a pessoa e a posição social em que ele se encontra. “[...] o que está sendo avaliado, não é apenas a língua da pessoa, mas sim a própria pessoa, na sua integridade física, individual e social” (BAGNO, 2003, p. 29). Esse julgamento existe e, logicamente, para ser evitado, é necessário que o indivíduo saiba manusear um leque de opções de formas de uso da língua conforme o contexto sócio comunicacional exija. Logo, não se defende aqui que a escola deixe de ensinar a norma padrão, mas que ela reconheça que, por essa norma ser distante da língua brasileira, há regras desnecessárias para o uso falado e até mesmo escrito da língua.

Essa forma de pensar dos professores também está ligada ao sistema educacional que os obriga a seguir todas as regras gramaticais das gramáticas normativas, sem atentar para o fato de que cada lugar é que vai levar o indivíduo a usar a língua de uma melhor maneira através da adaptação ao contexto social adequado. Sendo assim, referindo-se à formação profissional do docente é certo afirmar que essas noções contam muito para sua atuação pedagógica, pois o respeito à variação linguística, oriunda do conhecer e ser consciente de que a língua falada não é reflexo da língua escrita, pode fazer bastante diferença no processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, faz-se necessário que o professor tenha conhecimento dos seis níveis de variação linguística destacados por Bagno (2007b, p. 39-40): variação fonético- fonológica, morfológica, sintática, semântica, lexical, estilístico-pragmática.

A variação fonético-fonológica – diz respeito ao som da pronúncia das palavras que podem ser realizadas de diferentes maneiras, dependendo do grau de instrução do indivíduo ou sotaque, como por exemplo: a palavra **porco e tia** são pronunciadas de diferentes maneiras no português brasileiro;

A variação morfológica – É a maneira de flexionar certas palavras, por exemplo: as palavras; “**pegajoso e peguento**” apresentam terminações (sufixos) diferentes para mostrar a mesma coisa, ideia ou significado; as palavras cidadãos e cidadões, também apresentam terminações diferentes, mas possuem o mesmo significado;

A variação sintática – Consiste nas diferentes maneiras de combinar os signos linguísticos para formação de sentenças, ou seja, a construção de inúmeros enunciados que possuem significados semelhantes, diz respeito à estruturação dos elementos sintáticos, ou seja, a maneira em que as palavras estão organizadas nas frases, exemplo: **um filme que ninguém sabe o final / um filme que ninguém sabe o final dele / um filme cujo final ninguém sabe;**

A variação semântica – Quando a palavra possui a mesma pronúncia e escrita, porém com significados diferentes, ou seja, é a variação decorrente do significado de uma determinada palavra, à proporção que a pronúncia e escrita é a mesma, só muda o sentido. Por exemplo: a palavra **peteca** num determinado contexto cultural pode significar brinquedo infantil cuja ação limita-se em jogá-lo para cima sem deixar cair no chão, ou baleador de pássaros, todo sentido dependerá da origem geográfica do falante;

Variação lexical – quando as palavras diferenciam-se tanto na pronúncia quanto na escrita, porém diz a mesma coisa, exemplo: “**mijo, xixi, urina**”, também pode ocorrer variação diatópica, aquela que ocorre em razão da região geográfica, a citar a palavra abóbora que pode ser chamada de jerimum, dependendo da região geográfica em que o legume é encontrado;

Variação estilístico-pragmática – mostra os diferentes jeitos de falar as mesmas coisas, correspondem a situações de uso enfatizando o grau de formalidade, a saber, que o mesmo indivíduo pode diversificar sua fala, dependendo do momento, ambiente e local ao qual está inserido. Veja os enunciados: **Vamo tê qui disarmar o rolé de hoje que a coroa lá de casa não tá legal/ vamos ter que adiar o passeio de hoje, pois minha mãe está doente.** As duas frases mostram situações diferentes de comunicação social, entretanto podem ser ditas pela mesma pessoa dependendo da intimidade proporcionada. Portanto a variação estilística mostra a expressividade individual da língua, sendo que o mesmo indivíduo pode adequar sua fala às diferentes situações de comunicação.

Do mesmo modo, além desses níveis de variação linguística, o professor precisa saber que, conforme Bagno (2007b, p.43- 44), existem vários grupos de fatores sociais que podem

ajudar a identificar fenômenos na variação linguística, dentre eles, destacam-se: origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, redes sociais.

A origem geográfica – A variação geográfica ou diatópica está relacionada às maneiras distintas linguísticas em pronunciar palavras, observadas entre falantes de lugares e regiões diferentes. Diz respeito ao lugar em que o indivíduo está inserido, seja em diferentes Estados, dentro de um mesmo Estado ou cidade, ou até mesmo a origem rural e urbana. Este tipo de variação evidencia-se quando se escuta um falante da região sul e outro da região nordeste, ao passo que atribuem nomes diferentes para caracterizar a raiz, *mandioca*, pois no sudeste chamam de *aipim* e no nordeste chamam de *macaxeira*;

Status socioeconômico – Enfatiza as diferentes maneiras de falar associadas ao nível financeiro, ou seja, um indivíduo que dispõe de uma condição financeira prestigiada (rico) fala diferente de outro que possui baixa renda (pobre). Dessa maneira, pessoas de status econômico mais alto provavelmente utilizam uma linguagem mais formal do que quem possui status mais baixo. É preciso destacar que essa noção é pensada tendo em vista que quem tem dinheiro tem mais oportunidade de ter uma escolarização de maior qualidade, mas se sabe que não é bem assim, e de forma tão genérica, que acontece no Brasil;

Grau de escolarização – Uma pessoa que frequenta a escola e tem certo grau de escolaridade e que mantém um hábito associado a sua prática de leitura e escrita tem um uso linguístico diferenciado daquele que não possui ou tem pouco acesso à educação formal. Portanto, de acordo com o autor esse fator é muito importante na adequação dos usos linguísticos das pessoas;

Idade – De acordo com o autor, esse fator condiciona a maneira de falar das pessoas que têm idades distintas. Sabe-se que os adolescentes falam diferente de seus pais, mesmo convivendo na mesma residência e fazendo parte de uma mesma cultura, bem como seus pais falam diferente das gerações passadas;

Sexo – Segundo o autor, as mulheres utilizam uma linguagem diferenciada da dos homens, ele exemplifica através do uso de palavras no diminutivo com maior frequência por mulheres;

Mercado de trabalho – As profissões também determinam o modo de falar, pois ao utilizar a língua no mercado de trabalho, as pessoas costumam usar termos técnicos relacionados à profissão ao qual estão inseridas, a saber, um advogado usa recursos linguísticos formais pelo menos quando está em seu ambiente de trabalho, já o encanador não necessita dos mesmos recursos linguísticos na execução da sua profissão;

Redes sociais- As pessoas costumam utilizar palavras de acordo com o grau de familiaridade , ou seja , um amigo mais próximo costuma utilizar-se da linguagem coloquial .Cada indivíduo adota os códigos e formas de interação linguística com quem convivem em sua rede social;

Dentre todos esses fatores, Bagno (2007,b) afirma que pesquisas no Brasil mostram que fatores de maior impacto sobre os diferentes modos de falar é o grau de escolarização associado ao status socioeconômico, uma vez que, a qualidade de ensino é primordial para um bom desenvolvimento da língua e inserção no trabalho, visto que os melhores empregos e cargos de lideranças sociais são disponibilizados para a pessoa que possui um maior grau de escolaridade.

Bortoni -Ricardo (2009) também enfatiza alguns dos mesmos fatores, entretanto usa nomenclaturas diferentes, mas que abrangem as mesmas definições. Enfatizando os grupos etários, gênero, status socioeconômico, grau de escolarização, mercado de trabalho e rede social, aos quais explica que estes podem condicionar a variação linguística. “Todos esses fatores representam os atributos de um falante: sua idade, sexo, seu status econômico, nível de escolarização etc. podemos dizer que esses atributos são estruturais, isto é, fazem parte da própria individualidade do falante [...] (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 49).

1.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O PRECONCEITO

Conforme já foi dito, a Variação linguística é uma forma de expressar a linguagem através de diferentes maneiras de falar, mas essa rica diversidade sofre discriminação simplesmente por estar em desacordo com a língua padrão. Essa avaliação social desencadeia desconforto entre os falantes de uma respectiva região, muitas dessas situações surgem do grande equívoco em considerar a língua como meio de mostrar o prestígio social, uma vez que a norma padrão estabelece regras para o bem falar e dessa maneira, pessoas com pouca escolarização têm pouco acesso a esse linguajar “unificado”. Mas sabe-se que essa diferença não está apenas associada às normas gramaticais e sim a julgamentos sociais. Nas palavras de Matta (2009, p. 20), “as diferenças existentes entre eles estão menos vinculadas aos recursos gramaticais, mas principalmente a uma avaliação social que a própria sociedade faz desses falares”.

O preconceito existente em relação à diversidade linguística é explícito através da sociedade, que mesmo reconhecendo que o povo brasileiro é heterogêneo, não aceita a variação na língua como uma maneira de se expressar que nem é certa e nem é errada, mas sim diferente.

Portanto a escola é um dos instrumentos essenciais no reconhecimento e valorização dessa variação, é através dela que professores e componentes educacionais têm maiores acesso a essa realidade, porém esse espaço educativo muitas vezes não favorece a diversidade na língua, uma vez que impõe regras a serem seguidas, por isso é primordial que a escola dê liberdade aos docentes e, principalmente, discentes exporem sua riqueza linguística, mostrando que essa variação é importante à medida que registra a identidade do indivíduo. Sendo assim Matta (2009, p.35) justifica que: “O importante nessa história de variação linguística é ela ser admitida na escola, pois está presente nos bancos escolares, na pessoa de cada um de nossos alunos. A variação linguística tem que ser vista como um fato na língua, próprio e indissolúvel dela”.

O preconceito linguístico no Brasil revela-se através da imensa variedade na língua, porque essa diversidade é recusada por ser pouco admitida nas escolas. Esse tipo de preconceito se torna cada vez mais evidente no país, pois cresce à proporção que é nutrido pelos instrumentos comunicativos ao qual transmitem diariamente o que é “certo ou não”. Sobre isso, Bagno (2007 a, p. 13) afirma que:

[...] Vemos esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos. (grifo do autor).

Um forte exemplo de preconceito linguístico situa-se na língua usada pelos nordestinos, pois estes, mesmo utilizando a norma padrão no ato da comunicação, são discriminados pelo seu sotaque, isto é, maneira própria em pronunciar as palavras, que por sua vez, muitos chamam de arrastado. Dessa forma, é certo afirmar que de uma maneira geral se exige muito da língua falada e na maioria das vezes algumas pessoas procuram uma língua pura, livre de distinções linguísticas, por isso rotulam a língua como certa ou errada. Todavia, as pessoas não possuem os mesmos valores linguísticos, pois cada grupo social habita numa determinada região geográfica, cada qual possui uma classe social, sendo assim, pessoas diferentes, com costumes distintos, se expressam de maneira própria e diferenciada. Porém, infelizmente, essa diferença é mal interpretada à medida que o prestígio social é caracterizado pela fala do indivíduo.

Bagno atenta para essa afirmação dizendo que:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente na Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano lingüístico, atores não- nordestinos

expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser língua de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão (BAGNO, 2007 a, p. 43-44.).

Neste sentido, Bagno (2007a) enfatiza que o preconceito linguístico é decorrente não só das diferenças sociais, mas também da região geográfica, dividida entre os que têm mais oportunidades e conseguem dominar a língua padrão e entre aqueles que sofrem preconceito por serem pobres ou nordestinos, tornando-se excluídos por seu modo de falar.

1.4 PRÁTICA PEDAGÓGICA: O CONTEXTO ESCOLAR EM MEIO AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Sabe-se que o preconceito linguístico existe há muito tempo, e nas salas de aula não é diferente, problema este para o qual não se sabe uma explicação coerente. O que se pode dizer é que o preconceito linguístico vem do preconceito social, ou seja, se não existisse este, aquele também não existiria.

A escola é um amplo espaço comunicativo e diversificado, onde o corpo docente e discente é heterogêneo, uma vez que, por exemplo, constitui-se de pessoas de diversas regiões, que trazem consigo o sotaque e o vocabulário referente ao seu local de origem. Sua pronúncia caracteriza sua localização, demonstrando que a fala brasileira é rica em diversidade, porém nas instituições educativas há alguns professores que não sabem como agir diante dos desafios que é combater o preconceito referente à língua, corrigindo a fala dos alunos indevidamente, na expectativa de convencê-los de que sua língua é “errada”.

Bortoni-Ricardo (2009) afirma que existe preconceito linguístico nas escolas e em algumas salas de aula, esclarece que isso acontece diante da postura de alguns professores que muitas vezes não respeitam a variação linguística decorrente da fala dos alunos, uma vez que, consideram essa diversidade como erros de português, essa iniciativa provoca uma grande insegurança na hora dos alunos se expressarem. A autora relata uma experiência vivida por uma professora durante sua infância:

Me ocorre, neste momento, o depoimento de uma colega, professora de séries iniciais. Ela se lembra de um grande constrangimento em sua infância, quando, recém-chegada da zona rural da Paraíba, apontou para uma palavra no quadro de giz e perguntou a professora: “Que palavra é aquela lá em riba?” Ao ouvir isso a professora a ridicularizou em frente dos colegas (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 25).

O aluno, ao iniciar sua vida escolar, traz consigo uma maneira própria de se expressar, de acordo com seu convívio familiar, no entanto cabe ao professor respeitar a fala do aluno, mas não deixando de mostrar a importância da comunicação, utilizando as diversas formas de diálogo, adequando-o ao ambiente em que se encontra. Para isso, compete ao professor ter conhecimento do assunto para abordá-lo de forma clara e objetiva, só assim evitará que o aluno venha a se sentir constrangido. Uma vez havendo a concretização dessa exposição, poderá desenvolver no educando um bloqueio, que impedirá o seu desempenho, não só dentro da escola como também na sua forma de relacionamento social.

A noção de variedade é fundamental para o professor de português, pois ela repassa todos os usos da linguagem, da oralidade à escrita. Também é fundamental para nosso aluno, que deve perceber a variedade linguística como expressão indispensável de sua própria realidade (MATTA, 2009, p.57).

O aluno ao ingressar em uma unidade escolar, objetiva preparar-se para a vida, não só profissional, mas também particular, o que muitas vezes torna-se contraditório, sendo que algumas instituições educacionais continuam fortemente ligadas ao ensino tradicional, deixando de fora todas as experiências vividas pelo aluno, inclusive sua fala que passará a ser transformada em busca de outra distante de sua realidade. Contudo reconhecer a variação linguística e respeitá-la nas escolas não significa desvalorizar a língua padrão, pois ambas necessitam da mesma atenção pedagógica, visto que a linguagem informal também faz parte da realidade do aluno, da mesma forma a linguagem formal, isto é, aquela que é adquirida por meio de ensinamentos estratégicos e escolares.

Segundo Bagno (2007a), nosso país não possui unidade linguística e seria maravilhoso que isso fosse reconhecido, pois dessa maneira os alunos ficariam preparados para enfrentar sem dificuldades situações em que ocorra linguagem diversificada. Portanto cabe à escola utilizar-se de mecanismos que influencie uma reflexão positiva aos estudantes sobre a variação linguística e que tanto professores quanto alunos percebam que todos os falantes de uma variedade não-padrão precisam ser ouvidos e reconhecidos como cidadãos que têm direitos e estes precisam ser valorizados na sociedade.

Para que isso aconteça, Bagno sugere:

[...] que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade lingüística do nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão (BAGNO, 2007a, p. 18, grifo do autor).

Portanto, ao usar a língua é fundamental que o indivíduo perceba que o ato de falar não está associado a uma regra padronizada e sim ao efeito interacional que esse ato comunicativo provoca.

1.5 SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

Entende-se por Sociolinguística a área que estuda as diferentes formas em que a língua se manifesta, ou seja, como ela se apresenta, a saber, que existem vários fatores que influenciam as mudanças do discurso colocado em prática por cada indivíduo, fatores como meio social, econômico, educativo, entre outros, dão espaço para a modificação de cada fala, pois o contexto em que o homem está inserido é decisivo para a alteração da linguagem, isto é, sua fala se adequa ao ambiente.

Sabendo que o ser humano usa a língua de maneira heterogênea, ou seja, este pode utilizar tanto a linguagem padrão quanto coloquial em sua fala, seja na escola ou em outros ambientes, e tendo noção dos problemas educacionais existentes no Brasil, surge a Sociolinguística Educacional, ramo da Sociolinguística que vai se preocupar com questões de variação linguística em sala de aula a fim de melhorar a qualidade do ensino da língua materna, tendo em Bortoni-Ricardo seu maior expoente. O principal objetivo da sociolinguística educacional é o de pensar e construir novas metodologias que auxiliem professores a desenvolver em seus alunos as habilidades necessárias a uma aprendizagem mais efetiva. Levando em consideração os pressupostos da sociolinguística educacional, seria viável que os livros didáticos fizessem grande proveito da variação linguística em suas edições, todavia é fato que os acervos didáticos não oferecem a atenção necessária a esse tipo de linguagem à proporção que dão maior preferência à língua padrão. Segundo Faraco (2015, p.20) “Os livros didáticos têm dado um tratamento muito superficial ao tema no mais das vezes limitado à apresentação, algo folclorizada, da variação geográfica ou um tanto estereotipada das falas rurais”.

Como vemos na referida citação, a importância que é dada à linguagem cotidiana é pouca, ou quase nenhuma, dessa maneira a sociolinguística é de suma necessidade para que possamos avançar e sair desse retrocesso em que estamos vivendo, onde o falar “correto” prevalece sem levar em consideração as causas e os cenários em que se encontra inserido o indivíduo, assim, a desmitificação de uma língua padrão, correta e impecável é de suma importância para que assim ocorra também uma melhor comunicação, e para que isso ocorra é preciso que comece essa mudança por algum lugar, e um dos lugares mais adequados para essa discussão é sem dúvida o meio educacional.

Nessa perspectiva, usar a sociolinguística educacional como meio de mostrar aos alunos como a língua se apresenta no cotidiano e as suas implicações, bem como a sua importância para que possamos compreender as diferentes maneiras de falar, mostrando que as variações, sejam elas geográficas, econômicas ou escolares, não significam uma maneira “certa” ou “errada” de se expressar, pelo contrário, essas “diferenças”, tornam a nossa língua muito mais rica.

Ora, todos os falantes (sem exceção) vivem num ambiente sociolinguístico heterogêneo. Em casa ou na rua, ouvem pessoas de diferentes faixas etárias, desde idosos até adolescentes e crianças (e sabemos que a expressão linguística varia muito de acordo com a idade); ouvem em rádio e televisão (esses meios de comunicação estão em praticamente 100% nos lares brasileiros e se expressam, em geral, nas variedades cultas); frequentam a igreja, a escola, o posto de saúde, o local de trabalho, o sindicato, clubes sociais ou esportivos e assim por diante. Em cada um desses contextos, ouvem as mais diferentes variedades da língua (FARACO, 2015, p, 28).

Diante disso, vemos que o português brasileiro proporciona com sua língua uma infinidade de palavras que o torna único, permitindo que o aluno esteja cercado de mudanças as quais se encontram impregnadas no seu cotidiano, principalmente por serem de idades e sexos diferentes, o que engloba um contexto ainda maior, seja na sala de aula, no meio social, familiar, fazendo assim com que ele perceba e reflita sobre essas possibilidades que contemplam a língua. Dessa maneira, a sociolinguística educacional ajuda o discente a perceber que há mais nas mudanças linguísticas e em suas variações do que aquilo que até então era compreendido por erro, mostrando que a língua não é e nunca foi um ciclo fechado.

É importante saber que se faz necessário que o docente apresente também ao aluno a variedade padrão, todavia sem desprestigiar a forma coloquial, pois é preciso considerar todas as variedades linguísticas que os alunos trazem consigo, pois como já mencionamos há variedades linguísticas diversas, e para isso temos a sociolinguística que constata que não existe certo ou errado no que se refere à língua, e que as formas diferentes de fala não diminuem uma ou valorizam a outra, mas nos mostram que o enunciado faz sentido, ainda que com palavras diferentes, e que, se dessa maneira a compreensão se fez de maneira satisfatória, a língua cumpriu com o que se propôs .

1.6 MONITORAÇÃO LINGUÍSTICA: PRÁTICA PRESENTE EM TODAS AS COMUNIDADES DE FALA

Sabe-se que o homem não possui uma forma única de se expressar, seu falar dependerá do ambiente e do receptor ao qual quer relacionar-se, conforme já discutimos.

Porém faz-se necessário que o indivíduo tenha certo grau de escolaridade para facilitar sua monitoração individual, mas é sabido que nem todos os cidadãos têm acesso a instruções escolares para saber o momento em que deve usar determinado tipo de linguagem, até porque, por seguir apenas a norma padrão, a escola brasileira acaba não contribuindo para que os alunos façam essa inferência. Todavia, ao longo de suas vidas, os alunos vão adquirindo conhecimentos, saberes que contribuem para torná-los capazes de distinguir naturalmente ou não suas palavras e seus modos de falar, adequando-as ao ambiente em que se encontram, ainda que possuam um repertório linguístico reduzido.

Quando o indivíduo utiliza uma determina variedade linguística que não seja a culta, não implica necessariamente dizer que desconheça essa norma, pois a língua é tão variada que nos permite utilizá-la nas mais diversas situações, é só uma questão de saber adequá-la ao ambiente e a cada tipo de conversação.

Bagno (2007a) explica que ao afirmar que na língua falada não há erros, não pretende expressar aos seus leitores que tudo na língua é válido. O autor esclarece aos seus leitores que: “[...] em termos de língua *tudo vale* alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores. Falar gíria vale? Claro que vale: no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas. [...]” (BAGNO, 2007 a, p.129-130, grifo do autor). O autor mostra que a língua precisa ser monitorada, pois existem pessoas que usam a língua inadequadamente, o que não a faz errada, apenas descontextualizada.

O professor tem a responsabilidade de transmitir essas informações aos seus alunos, fazendo-os compreender que sua riquíssima diversidade linguística pode ser expressa sem receio dos preconceitos, porém é preciso saber a ocasião correta para empregar determinado tipo de linguagem.

Uma das principais tarefas do professor de língua é conscientizar seu aluno de que a língua é um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Ninguém vai só de maiô fazer compras no *shopping-center*, nem vai entrar na praia, num dia de sol quente, usando terno de lã, chapéu de feltro e luvas...(BAGNO, 2007, a, p.130, grifo do autor).

Portanto, nesse sentido, pode-se dizer que a língua assemelha-se à roupa que usamos, a qual cada modelo é cuidadosamente escolhido de acordo com a situação de uso, dessa forma o indivíduo precisa monitorar sua fala, só assim saberá o momento adequado de como utilizá-la. Sendo assim, o ambiente e a situação sócio-comunicativa determinam tal variação, a saber, que o indivíduo não vai à praia de paletó e gravata, por exemplo; é necessária uma vestimenta apropriada. O mesmo ocorre com a fala, pois a forma como o indivíduo dirige-se ao seu chefe de trabalho difere da forma com que se relaciona no seu cotidiano familiar, por exemplo.

“**Nós variamos o nosso modo de falar**, individualmente, de maneira mais consciente ou menos consciente, **conforme a situação de interação em que nos encontramos**” (BAGNO, 2007b, p. 44- 45, grifo nosso).

O educador tem a missão de preparar o aluno para o convívio social, pois cada indivíduo possui uma forma particular de falar, no entanto o professor precisa ensinar ao aluno que existem situações em que ele necessita utilizar uma linguagem mais cuidadosa, mediante formalidade, ou seja, a maneira de se expressar perante um juiz, não vai ser a mesma referente ao pedreiro, porque ambos possuem realidades sociais diferentes, à proporção que suas respectivas profissões necessitam de um grau oposto de formalidade. São essas normas que o professor deve transmitir ao seu aluno, pois o contexto social em que o indivíduo se encontra determina a linguagem a ser utilizada.

Assim, o ensinar a língua não pode ter outro objetivo senão o de chegar aos usos sociais desta língua, como ela acontece no dia a dia das pessoas. É a língua-em-função, que somente ocorre entre as pessoas com alguma finalidade, dentro de um determinado contexto (MATTA, 2009, p.16).

Nota-se que o indivíduo precisa adequar sua linguagem conforme a situação vivenciada em seu cotidiano, para isso faz-se necessário ter conhecimento das normas que regem a língua e que permitirão a ele um melhor convívio social.

Uma pessoa quando estabelece comunicação com outra tem a pretensão que seja entendida, assim sendo, busca utilizar palavras que façam sentido tanto para si próprio quanto para o seu ouvinte, pois sabe que só há comunicação quando ambos interlocutores se compreendem. Portanto quando nos preocupamos em escolher uma forma de expressão que consideramos apropriada para cada tipo de pessoa ou ocasião, estamos adequando nossa língua, desta maneira o que irá determinar o tipo de linguagem a ser utilizada será alguns fatores como: A **intenção**, ou seja, o que se objetiva do diálogo; o **ambiente**, pois precisa-se falar considerando o lugar em que se encontra; o **contexto** também é importante, uma vez que a linguagem deve ser usada de acordo com o assunto; o **interlocutor**, é relevante considerá-lo, pois, sem a compreensão do mesmo a comunicação não existirá. Desta maneira este pensamento se simplifica nas palavras de Bagno, quando diz o seguinte: [...] “tudo vai depender de *quem diz o quê, a quem, como, quando, por quê e visando que efeito...*” (BAGNO, 2007, a , p. 131 grifo do autor). Portanto, para que haja uma boa monitoração linguística todos estes fatores devem ser levados em conta, desta maneira os interlocutores tornam-se capazes de desenvolver determinados níveis de linguagem em determinadas situações comunicativas.

Na sala de aula o docente precisa favorecer situações semelhantes ao convívio social dos seus discentes em busca de prepará-los para além da escola, nas mais diversas situações de uso que a língua os proporciona.

Segundo Bagno (2007 b), a situação de uso que existe devido à necessidade de variar a língua vai depender do grau de formalidade ou até mesmo da autoconfiança ou insegurança por parte do interlocutor, visto que o ambiente e a intimidade entre o locutor e o interlocutor são indispensáveis para proporcionar a compreensão e interação.

O homem precisa variar seu modo de falar para melhor adaptar-se ao ambiente e proporcionar uma interação significativa, uma vez que o contexto em que está inserido vai determinar a formalidade ou não da língua. Portanto variar a língua é fundamental para a sociedade, respeitar essas variações é essencial para uma convivência sábia e saudável, pois as modificações e diversidades linguísticas existem independentemente do respeito ou compreensão por parte da população. Sabe-se que o homem transforma a natureza e consequentemente sua língua, o que a torna renovável.

Proporcionar ao aluno o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística, ajudando-o a aumentar seu leque de possibilidades de uso da língua, é contribuir para a redução do preconceito linguístico.

2 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Em busca de conhecer a prática pedagógica dos professores de uma escola municipal de Manaíra-PB e como está sendo tratada a variação linguística em sala de aula nas séries iniciais do Ensino fundamental, desenvolveu-se uma pesquisa de natureza qualitativa, por meio de observações de campo e leitura de livros, documentos e artigos. A coleta de dados foi realizada em uma escola pública da região de Manaíra, no estado da Paraíba. A realização da pesquisa partiu da hipótese de que o preconceito linguístico existe em sala de aula e é, de modo geral, intensificado devido à forma inadequada e despreparada dos professores quanto ao tratamento da variação linguística em sala de aula.

No decorrer da realização da pesquisa dois métodos de coleta foram fundamentais para alcançar os objetivos almejados, isto é, coleta de dados em fontes escritas e orais.

As fontes escritas deram-se a partir dos questionários individuais destinados aos docentes e depois transcritos e comparados em informações organizadas em quadros. Tais questionários foram entregues no horário das aulas, todavia as professoras ficaram livres para respondê-los em casa. Cada professora será identificada apenas por uma numeração específica, obedecendo à ordem sequencial das respostas, por exemplo: a primeira resposta contida nos diferentes quadros corresponderá a professora 1 e assim sucessivamente. Para a realização da pesquisa, participaram cinco professoras do Ensino Fundamental I, cada uma delas representava uma série/ano, pois eram docentes do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental I.

A pesquisa realizou-se no ano de 2015, onde além dos professores, também participaram alguns de seus alunos de diferentes faixas etárias, pois eram de salas diferentes, desde o primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Foram feitas 5 (cinco) observações de ordem prática, uma vez que foram observados em campo pedagógico os alunos e professoras entrevistadas, com a função de melhorar a pesquisa e comparar suas respostas com a realidade vivenciada pelos docentes e discentes. Essas observações foram feitas pela pesquisadora e elaboradora para o próprio trabalho monográfico. A duração de cada observação foi de 2 (duas) horas, cada qual em uma turma diferente, sendo realizadas entre os dias 25 (vinte e cinco) a 31 (trinta e um) de março de 2015. As entrevistas antecederam as observações em busca de comparar a teoria com a prática.

Antes da coleta de dados foi preciso conversar com a gestora e professores sobre a finalidade do trabalho. Logo após, as entrevistas foram ocorrendo à proporção que as visitas na escola iam acontecendo. A fonte oral deu-se através de conversas informais sobre a

importância do tema em questão, além das observações realizadas em sala de aula. Essas observações deram-se em função de coletar dados da fala dos alunos, em busca de identificar a variação linguística existente nas salas de aula.

A escolha do campo de pesquisa se deu por se tratar de uma escola de fácil acesso e possuir essa modalidade de ensino nos dois horários de funcionamento: manhã e tarde, pois, dessa maneira a flexibilidade nos horários possibilita uma melhor adequação do tempo, além disso, por ser ampla dispõe de muitas turmas da mesma série.

As professoras entrevistadas, todas são mulheres e possuem um grau de escolaridade compatível com a área de ensino ao qual lecionam, algumas estavam na época concluindo a graduação, outras já possuíam especialização relacionada à educação. Todas tinham em torno de quarenta anos, tendo até o momento uma média de 12 a 20 anos de tempo pedagógico lecionado.

3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 1º AO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL DE MANAÍRA PB

3.1 OS QUESTIONÁRIOS

Nos quadros a seguir, serão apresentadas as respostas das professoras referentes ao questionário proposto a cada uma delas, uma vez que para a concretização deste trabalho se fez necessário conhecer o ambiente e as opiniões das professoras presentes em sala de aula.

Segue a primeira questão, proposta às professoras, a ser analisada:

Em sua opinião qual a importância do uso da variação linguística em sala de aula?

Justifique:

Quadro 1 - A importância do uso da variação linguística em sala de aula, segundo as professoras.

<p>Professora 1: O uso dessa linguística em sala de aula não é algo simples, porque é a língua padrão que é bastante cobrada pela sociedade. É necessário que professores tenham um estudo mais amplo sobre o tema para poder ter uma base para trabalhar.</p>
<p>Professora 2: A linguística em sala de aula não é algo simples, pois não são todos os professores que têm consciência da importância do ensino da língua padrão na qual é cobrada pela sociedade.</p>
<p>Professora 3: É importante porque devemos preparar, contextualizar, letrar e formar nossos alunos a pensarem sobre sua língua, desenvolvendo um senso crítico, sabendo o que irá falar ou escrever dependendo do meio que está inserido, aprendendo a valorizar e respeitar as variações da língua.</p>
<p>Professora 4: A variação linguística mostra a importância da diversidade cultural de cada indivíduo, onde na sala de aula encontramos linguagens diferentes, cabe ao professor adequá-las.</p>
<p>Professora 5: O professor tem que trabalhar levando em conta a linguagem que o aluno traz de casa, pois só assim poderemos ensinar o valor da linguagem e escrita correta.</p>

Fonte: Própria.¹

Nota-se que as duas primeiras professoras preocupam-se mais com a língua padrão por ser cobrada pela sociedade, além disso, a segunda docente demonstra pouco conhecimento sobre a noção da importância da variação linguística, uma vez que afirma que “a **linguística** não é algo simples, pois não são todos os professores que têm consciência da **língua padrão** no qual é cobrada pela sociedade”.

¹ Todos os quadros presentes neste capítulo são de fonte própria, ou seja, feitos pela própria pesquisadora.

Esta afirmação demonstra que a educadora pode não ter entendido a pergunta ou não diferenciar variação linguística da língua padrão, pois ambas são totalmente diferentes, à medida que a primeira valoriza a diversidade linguística, esta segunda unifica a escrita brasileira. Deve-se lembrar que, segundo Bagno (2007a), todos os brasileiros sabem o português, porque é a língua materna que todos têm acesso, por isso não é lícito dizer que a língua portuguesa é difícil.

As três últimas professoras mostram que compreendem a importância da variação linguística uma vez que percebem que:

- A língua pode ser monitorada.

“É importante porque devemos preparar, contextualizar, letrar e formar nossos alunos a pensarem sobre sua língua, desenvolvendo um senso crítico, sabendo que irá falar ou escrever dependendo do meio em que está inserido [...]” (PROFESSORA 3).

- A língua faz parte da cultura de cada indivíduo.

“[...]mostra a importância da diversidade cultural[...]” (PROFESSORA 4)

- Reflete na sociedade sua língua materna.

“O professor tem que trabalhar levando em conta a linguagem que o aluno traz de casa[...]”(PROFESSORA 5)

Segundo Bortoni-Ricardo,

Os alunos devem sentir-se livres para falar em sala de aula e, independentemente do código usado — a variedade padrão ou variedade não padrão —, qualquer aluno que tome o piso em sala de aula deve ser ratificado como um participante legítimo da interação. Uma forma efetiva de o professor conferir essa ratificação e dar continuidade a contribuição do aluno, elaborando - a e ampliando-a. Se esta contribuição for veiculada numa variedade não padrão, no momento em que o professor retomar a contribuição para ampliá-la, ele poderá justapor a variante padrão e tecer comentários sobre as diferenças entre as duas variantes, permitindo, assim que se desenvolva a consciência do aluno sobre variação linguística (BORTONI-RICARDO, 2013, p.197).

A segunda questão é a seguinte: Em sua opinião a escrita do aluno pode ser afetada por sua fala? Se o aluno fala “errado” automaticamente escreve “errado”, ou são situações isoladas? Justifique:

Quadro 2 – A escrita dos alunos em sala de aula de acordo com as professoras.

<p>Professora 1: Não, pois ao ensinar os conteúdos, ensino o valor da língua e da escrita, também trabalho com o dicionário e a produção textual que são fontes riquíssimas para tirar as dúvidas dos alunos.</p>
<p>Professora 2: Pode. Mas cabe aos professores das séries iniciais ensinar o valor da língua e da escrita para seus alunos especialmente aqueles que vêm de famílias e comunidades mais carentes.</p>
<p>Professora 3: Sim. Porque as crianças que falam errado costumam escrever errado e cabe a nós professores dos anos iniciais promover aos nossos alunos uma grande variedade de leitura, para que essa venha garantir um bom desempenho na apropriação da escrita e da fala</p>
<p>Professora 4: Sim. O professor é o espelho do aluno, portanto devemos ter o cuidado na nossa fala. Tem casos que o aluno fala e escreve errado e outros não.</p>
<p>Professora 5: Isso é algo muito variado, pois existe criança que escreve errado e, porém fala correto, depende muito do lugar onde ele convive, se ele vive em um ambiente onde a maioria das pessoas fala corretamente ele automaticamente irá aprender correto.</p>

As declarações expostas no quadro 2 mostram que a primeira professora percebe que a escrita do aluno não é afetada por sua fala. As demais associam a fala do aluno a sua escrita, pois a maioria diz que se o aluno fala “errado” também escreve errado, em especial a última delas, que diz que “se ele vive em um ambiente onde as pessoas falam corretamente ele automaticamente irá aprender a falar correto”. Estas afirmações revelam preconceito sobre a língua, pois como poderia o aluno falar errado? E numa perspectiva de uma língua correta, qual seria a errada?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) chamam atenção para esse problema

[...] a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar —, a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico (PCNs, 2001,p.31.).

Segue a terceira questão abaixo:

No exercício de sua profissão é preciso que se ensine o uso correto da ortografia. Mas é possível fazer com que as crianças abandonem o seu modo de falar adquirido através da sua cultura passando a utilizar outra linguagem considerada mais correta? Justifique:

Quadro 3 – A visão das professoras a respeito da fala dos alunos

<p>Professora 1: Ao trabalhar a língua oral na sala de aula, garantimos atividades de fala, escuta e escrita, valorizando a língua trazida pelo aluno mostrando como podem utilizar a linguagem, tanto falada como escrita corretamente.</p>
<p>Professora 2: Sim, a língua oral tem que garantir atividades de fala, escuta, escrita e reflexão sobre a língua, valorizando a língua trazida pelo aluno e de suas comunidades, mostrando como eles podem utilizar a linguagem, tanto falada como escrita.</p>
<p>Professora 3: Sim. A linguagem oral deve ser garantida em sala de aula. Através de atividades sistematizadas de leitura, escrita, produção, oralidade e escuta, favorecendo uma reflexão sobre a língua.</p>
<p>Professora 4: Sim, porque no dia a dia ela vai precisar falar e escrever corretamente, para melhor se adequar a sua vida acadêmica.</p>
<p>Professora 5: Sim, pois se ensinarmos eles escrever correto automaticamente eles irão falar correto.</p>

Algumas professoras associam o ato de falar à escrita, como se a prática de escrita garantisse o abandono da língua adquirida em seu meio social. A saber, que: a maioria delas respondeu que é possível que as crianças abandonem seu modo de falar proveniente de sua cultura. Porém, percebe-se que duas professoras podem não ter entendido a pergunta, uma vez que afirmam valorizar a fala do aluno, mas se contradizem quando falam que é possível que as crianças desvalorizem sua fala informal, ou seja, passem a utilizar outra linguagem considerada mais correta, segundo as professoras 2 e 3, seguindo a ordem de respostas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da língua portuguesa

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e porque se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da interação comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (PCNs, 2001, p.31-32)

Tem-se agora a quarta questão, logo abaixo:

Quando percebe o uso de regras não padrão na linguagem escrita ou falada intervém ou prefere não intervir para não constranger o aluno? Sim () Não() Justifique:

Quadro 4 – O ponto de vista das professoras sobre a intervenção

<p>Professora 1: Procuo intervir de forma que o aluno não fique constrangido, falando corretamente várias vezes à linguagem que ele usou errada, tanto na oralidade como na escrita.</p>
<p>Professora 2: Não, porque não se deve dizer que está errado, o mais sensato a se fazer é procurar uma forma de ensinar o jeito correto sem o constranger e sem que ele perceba que está sendo corrigido.</p>
<p>Professora 3: Sim, procuro falar ou pronunciar as palavras o mais correto possível para que os alunos percebam a forma correta da palavra, facilitando a sua escrita sem constranger os alunos .</p>
<p>Professora 4: Não, o professor não deve constranger o aluno ao público, deve sim mostrar o certo em uma outra oportunidade .</p>
<p>Professora 5: Sim, procuro uma maneira de corrigi-lo de uma forma de que ele não perceba que é com ele para não causar um trauma no futuro.</p>

Percebe-se que a primeira professora procura não constranger o aluno, porém o ato de repetir a palavra várias vezes automaticamente irá reprimi-lo, dessa forma a criança sentirá que sua maneira de falar é errada. Já a segunda diz que não intervém, mas sua resposta é contraditória quando diz que existe um jeito certo a ser ensinado. A terceira professora associa a fala do aluno a sua escrita. A quarta professora procura não intervir dizendo que existe uma forma correta, entretanto não especifica se essa forma certa se refere à língua falada ou à escrita. A última também intervém preocupando-se com o futuro do discente.

A partir das afirmações das educadoras, percebe-se que todas elas, mesmo intervindo ou não, acreditam que existe uma única forma correta de se expressar e algumas delas afirmam que a escrita pode ser afetada pelo simples ato de falar, além disso, ao não especificar se o erro está contido na fala ou na escrita, suas respostas tornam-se ambíguas.

Segundo Bortoni- Ricardo,

Às vezes, será preferível adiar uma intervenção para que uma ideia não se fragmente ou um raciocínio não se interrompa. Mais importante ainda é absorver o devido respeito às características culturais e psicológicas do aluno. A escolher entre a não intervenção sistemática e a intervenção desrespeitosa, ficamos, é claro, com a primeira alternativa. O trato inadequado ou até mesmo desrespeitoso das diferenças vai provocar a insegurança, [...] (BORTONI-RICARDO, 2009, p.42)

A quinta e última pergunta foi a seguinte:

Você concorda que existem maneiras diferentes de falar e que a escrita também se diferencia dependendo do gênero textual ou contexto social? Sim() Não () Justifique:

Quadro 5 – Opinião das professoras sobre as diferentes maneiras de se expressar

<p>Professora 1: É necessário que o professor mostre ao aluno que a língua portuguesa tem determinadas variações.</p>
<p>Professora 2: Sim, pois cada gênero textual apresenta uma estrutura e características específicas dos demais. A linguagem, portanto não é uniforme, existe diversas possibilidades de escrita que poderá adequar-se ao gênero textual produzido do contexto social .</p>
<p>Professora 3: Sim, pois cada gênero textual tem sua especificidade, estruturas e características diferentes, variando de acordo com cada região e cabe a nós adequá-lo ao nosso contexto social</p>
<p>Professora 4: Sim, cada indivíduo vive em culturas diferentes.</p>
<p>Professora 5: Sim, o professor deve trabalhar com os alunos de forma a mostrá-los que a língua portuguesa não é uniforme, mas que a mesma passa por determinadas variações.</p>

Verifica-se que todas as professoras concordam com as diferenças existentes na fala e que a escrita também sofre adaptações dependendo do contexto social ou gênero textual.

Nas palavras de Bagno “[...] Existem *diferenças* de uso ou *alternativas* de uso em relação à regra única proposta pela gramática normativa” (BAGNO,2007, p.142, grifo do autor).

3.2 OBSERVAÇÕES DAS AULAS

As observações foram realizadas num curto período de tempo, porém suficiente para entender o funcionamento da rotina pedagógica de cada uma das entrevistadas. Percebemos que todas as professoras trabalham a partir do Programa Primeiros Saberes da Infância, sendo assim, obedecem a uma rotina já estabelecida, o que não impede as devidas adaptações pedagógicas.

Os alunos do 1º ano apesar de estarem em processo de desenvolvimento da fala utilizam expressões nordestinas como: “oxente”. Apesar da professora se esforçar para falar de acordo

com a norma padrão, ao chamar atenção dos seus alunos tentando apressá-los para que terminem a atividade, expressa-se informalmente, desta maneira é possível perceber, obviamente, variação linguística também em sua fala.

PROFESSORA-1: “Bora, bora, minha gente.”

Nota-se que a professora varia sua maneira de falar apesar da tentativa de falar somente a língua padrão. Dessa maneira, percebe-se a falta de auto-observação em sua própria fala, a saber que a variação linguística passa despercebida por ela. Nas palavras de Bortoni-Ricardo, “Para muitos professores especialmente aqueles que têm antecedentes rurais, regras do português próprio de uma cultura predominantemente oral são invisíveis [...]” (BORTONI-RICARDO,2009, p. 42).

Tratando-se da turma do 2º ano, a professora estava revisando a aula anterior, quando um de seus alunos pede:

ALUNO-: “ Dirliga o ventiladô sinão vai vuá as foia”

A professora não intervém sob sua fala e desliga o ventilador. Esse evento demonstra que ela pode não ter percebido a informalidade, como também valorizar a sua forma de se expressar, já que o momento não exigia linguagem padrão ou não quis intervir em respeito a nossa presença, pois era conhecedora da finalidade do nosso trabalho à medida que as entrevistas já haviam acontecido. Portanto, percebe-se que a educadora demonstrou total respeito pela fala informal do aluno, uma vez que a criança transmitiu a mensagem desejada.

Nos dizeres dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs,), “As situações de comunicação diferem-se conforme o grau de formalidade que exigem e isso é algo que depende do assunto tratado, da relação entre os interlocutores e da intenção comunicativa” (PCN, 2001, p.49).

Mediante as observações relacionadas ao 3º ano, verificou-se que a professora procura expressar-se de acordo com a norma padrão, obedecendo à regra padrão de concordância verbal e nominal ao falar. Todavia ao corrigir o dever de casa ela orienta:

PROFESSORA-3: “Você vai colocar as palavrinhas que tá faltando.”.

Percebe-se que quando está à frente, falando para todos os alunos, utiliza a linguagem padrão, obedecendo à gramática normativa. Entretanto quando está atendendo seus alunos individualmente, demonstrando aproximação e afetividade, utiliza uma linguagem informal. Isso demonstra que a docente faz uso da monitoração linguística.

“[...] quando a professora está mais envolvida com o conteúdo que está trabalhando, sua linguagem apresenta-se mais monitorada. Quando intervém para organizar os turnos de fala, [...] sua fala é mais espontânea, com menos monitoração (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 27).

Durante o espaço de tempo em que estivemos presentes no 4º ano, não houve como registrar a fala dos discente e da docente, uma vez que os alunos estavam assistindo a um vídeo sobre os mamíferos, por isso, entramos discretamente à proporção que nossa visita já estava anunciada. Provavelmente a ideia de passar um vídeo pode ter sido estratégia da professora na tentativa de se expor menos.

No 5º ano, ao tentar amenizar uma contenda entre duas alunas, a professora afirma:

PROFESSORA-5: “Toda vez que vocês se junta, vocês fica arengano”.

Nota-se que a professora utiliza uma expressão muito comum da região nordeste (arengando), termo linguístico que é usado para dizer que alguém está brigando, além disso a docente desvia-se da concordância verbal, pois no momento de raiva, estresse, há pouco monitoramento da fala.

No decorrer da aula a professora repreende o aluno sobre sua caligrafia e pede:

PROFESSORA-5: “Ajeite essa letra.”

ALUNO:” Derna da 1ª série eu copio assim.”

Entende-se que a criança utilizou a expressão **derna** no lugar da palavra **desde**, pois provavelmente ela tenha ouvido alguém falar assim, sendo assim, faz parte do seu repertório linguístico.

Nota-se que a professora valoriza a fala do aluno, pois não interferiu na sua maneira de expressar-se, além disso, preocupa-se com a legibilidade da letra do educando. Porém não é possível afirmar qual a razão que a levou a não corrigir o aluno, se foi por respeito ou simplesmente por falta de atenção.

Nas palavras de Bagno “Ensinar bem é ensinar para o bem. Ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano” (BAGNO, 2007a, p.145).

Nessa perspectiva, é necessário levar em consideração a bagagem que o aluno traz consigo, pois essa questão é de grande relevância para entender e melhor avaliar sua prática pedagógica, uma vez que conhecer o aluno facilita o ensino-aprendizagem de maneira satisfatória. Além de levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, faz-se necessário deixá-lo usar sua língua materna de maneira espontânea, todavia não deixando de mostrar outros caminhos para sua expressão de linguagem, isto é, mais e menos formal, numa espécie de escala de gradação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que o dialeto de uma determinada comunidade caracteriza a identidade do indivíduo pertencente, pois o homem expressa-se inicialmente através de sua primeira língua que é a língua materna, dessa maneira utilizará os recursos ao qual se familiariza e só posteriormente entrará em contato com outras maneiras de falar como, por exemplo: a linguagem padrão, tão cobrada pela sociedade.

Durante as observações, verificou-se que a prática pedagógica das professoras entrevistadas reflete a preocupação em proporcionar uma aprendizagem significativa. Percebeu-se que nenhuma intervenção preconceituosa foi registrada e que as educadoras esforçaram-se para não se desviar da norma padrão durante as aulas ministradas. Porém as respostas às indagações propostas mostram desvalorização da linguagem informal, à proporção que a maioria delas dão respostas negativas, enfatizando que a criança que fala “errado” possivelmente escreverá “errado”, visto que a maior porcentagem de respostas especificam o certo e o errado, deixando evidente que o correto seria a língua culta a partir do uso da norma padrão. Sendo assim, apesar de não terem apresentado uma intervenção linguística preconceituosa de forma direta, elas proliferam o preconceito linguístico ao desvalorizar a variedade informal da língua.

É importante ressaltar que na prática observada faz sentido a reflexão trazida pelo PCN (2001) de que não é função da escola ensinar a criança a falar, porque isso ela aprende muito antes de frequentar esse ambiente. Talvez por isso as professoras não tenham se preocupado em ensinar a diversidade oral e quando o fizeram foi de maneira imprópria, tentando corrigir a fala da criança por se diferenciar da variedade de maior prestígio social, na expectativa de evitar uma escrita errada.

Portanto durante a análise deste trabalho infelizmente evidencia-se que a maioria das educadoras desvaloriza a linguagem regional, desprestigiando o dialeto, isto é, a linguagem própria de determinadas comunidades, sendo assim, percebeu-se que a hipótese inicial foi confirmada, a saber, que a maioria das professoras entrevistadas acredita que existe uma maneira correta de falar, a qual se assemelha à norma padrão. Dessa forma, os resultados obtidos proporcionam uma significativa reflexão sobre a prática pedagógica. Espera-se que este trabalho possa, portanto, contribuir de alguma maneira para um ensino mais eficaz da língua portuguesa e, especialmente, para um ensino que respeite a diversidade linguística tão presente em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz.** 49ª ed. São Paulo; Edições Loyola, 2007a.
- _____. **Nada na Língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação lingüística. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007b.
- _____. **norma oculta:** língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** A sociolinguística em sala de aula. 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial ,2009.
- _____. **Nós chegemu na escola, e agora?** : sociolinguística e educação. 1ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma Culta Brasileira:** construção e ensino. IN: ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto (Org.) **Pedagogia da Variação Linguística:** língua, diversidade e ensino. 1º ed. São Paulo: Parábola Editorial 2015.
- MATTA, Sozângela Schemin da. **Português-Linguagem e Interação.** Curitiba: Bolsa Nacional do livro Ltda.. 2009.
- MEC/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. 3ª ed. Brasília, 2001.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA

Esta entrevista é um meio de pesquisa que tem a finalidade de coletar dados e informações para a elaboração de Monografia necessária para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras , oferecida pela Universidade Federal Rural de Pernambuco -UFRPE. As informações e dados contidos neste questionário serão utilizados apenas para produção da monografia, sendo preservada a fonte e conteúdo. Tem por pesquisadora a discente: Vanessa Severo Viturino Alves. Orientada pelo Prof.Dra Renata Livia de Araújo Santos.Com o seguinte tema: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE 1º AO 5º ANO.

Professor (a):

(1º) Em sua opinião qual a importância do uso da variação linguística em sala de aula? Justifique:

(2º) Em sua opinião a escrita do aluno pode ser afetada por sua fala? Se o aluno fala “errado” automaticamente escreve “errado”, ou são situações isoladas? Justifique:

(3º) No exercício de sua profissão é preciso que se ensine o uso correto da ortografia. Mas é possível fazer com que as crianças abandonem o seu modo de falar adquirido através de sua cultura, passando a utilizar outra linguagem considerada mais correta? Justifique:

(4º) Quando percebe o uso de regras não padrão na linguagem escrita ou falada intervém ou prefere não intervir para não constranger o aluno?

() Sim () Não

Justifique:

(5º) Você concorda que existem maneiras diferentes de falar e que a escrita também se diferencia dependendo do gênero textual ou contexto social?

() Sim () Não

Justifique: